

XVII Congresso Brasileiro de Sociologia

20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho: Pensamento Social no Brasil

Título do Trabalho: Juana Manso no Brasil: viagem cosmopolita e cidadania popular.

Nome completo e instituição do autor: Alejandra Josiowicz - Pós-doutoranda pelo PPGHCS- Fiocruz, Bolsista Faperj.

Este trabalho parte de um ponto de vista comparativo, entre o Brasil e a Argentina, para analisar os textos que Juana Manso, escritora e intelectual argentina, escreveu sobre Brasil durante e após seu exílio no Rio de Janeiro. Meu propósito é estudar a trajetória e os escritos de Juana Manso em diálogo com os debates do pensamento social no Brasil, através do exame de duas articulações centrais em seu pensamento: por um lado, a relação entre condição periférica e mundo cosmopolita e por outro, o acesso problemático à cidadania.

Para começar, alguns dados biográficos: Juana Manso nasceu em 1819 em Buenos Aires, filha de um engenheiro ilustrado e liberal, José Maria Manso, quem se interessou desde cedo em sua educação. Nessas décadas, por causa da ascensão de Juan Manuel de Rosas ao poder, a guerra civil e as turbulências político-militares da Argentina post-independentista, a família Manso foi obrigada a exilar-se na cidade de Montevideú, Uruguai, e no ano de 1845, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Mais adiante retomarei o contexto político do Rosismo e sua complexidade no Rio da Prata; por agora só digamos que foi o principal motivo do exílio de parte importante da geração de intelectuais românticos argentinos, que estiveram no Brasil entre 1830 e 1870, durante o reinado do Imperador Dom Pedro II: Margarita Sánchez de Thompson, José Mármol, Domingo Faustino Sarmiento e a própria Juana Manso, entre muitos outros.¹ No Rio de Janeiro, Manso conheceu seu futuro marido, Francisco de Sá Noronha, um violinista português, a quem acompanhou em suas viagens pelos Estados Unidos, o Caribe, Cuba e a República Dominicana. Durante essas viagens, Juana deu à luz duas filhas, e teve seu primer encontro, cheio de ambiguidades, com os Estados Unidos, uma cultura que seria central para suas posturas intelectuais e suas redes de alianças durante as décadas seguintes. Após o retorno ao Rio de Janeiro, Manso, além de tomar aulas de português, continuou o labor pedagógico que tinha começado muito antes, em Montevideú, onde abrira um instituto de ensino para meninas e dera aulas de espanhol, inglês, francês e outras disciplinas. No Rio de Janeiro também criou, em 1852, *O Jornal das Senhoras* – considerado pela crítica como o primeiro jornal

¹ Adriana Amante, *Poéticas y Políticas del destierro. Argentinos en Brasil en la época de Rosas*. Fondo de cultura Económica, Buenos Aires, 2010.

brasileiro escrito e dirigido por mulheres – no qual participaram e colaboraram um grupo considerável de mulheres da Corte Imperial.² Juana Manso foi redatora em chefe do jornal até julho de 1852, período em que morou perto do Forte de Gragoatá, em Niterói. O *Jornal* incluía artigos sobre “Moda, Literatura, Belas Artes, Teatros e Críticas”, como afirma o subtítulo, assim como figurinos e partituras. Manso contribuiu com artigos sobre a emancipação da mulher e com o romance histórico-didático *Los Misterios del Plata*, que foi publicado em português em forma de folhetim até julho de 1852. Morto seu pai, Juana foi abandonada pelo marido, quem fugiu a Portugal com outra mulher, deixando-a sozinha e necessitada de assegurar a manutenção das duas filhas. Influenciada pelo exemplo de Madame Durocher, célebre parteira do Rio de Janeiro, quem instituiu o *Curso de Partejas* da Faculdade de Medicina de Rio de Janeiro, naturalizou-se brasileira com a esperança de se matricular como parteira e se diplomar na Faculdade de Medicina, o que resultou impossível.³ Após a derrota de Juan Manuel de Rosas, decidiu voltar a Buenos Aires em 1853, onde utilizou seus últimos recursos para publicar o jornal *Álbum de señoritas* em 1854, que durou oito números e incluiu seu romance crítico da escravidão e situado no Brasil *La familia del Comendador*. *Álbum* resultou um fracasso comercial, devido ao qual Manso considerou a possibilidade de voltar ao Brasil. Mas com a ajuda de Bartolomé Mitre e de Domingo Faustino Sarmiento, a quem conheceu por intermédio do amigo José Mármol, Manso conseguiu o posto de diretora da primeira escola mista de Buenos Aires. A partir desse momento, e graças a seu intenso diálogo e sua aliança intelectual com Sarmiento, Manso chegaria a ocupar um lugar central no processo de fundação das instituições escolares do estado nacional argentino da segunda metade do século XIX: foi diretora e inspetora de escolas, primeira mulher no Conselho Nacional de Educação, ministrou várias disciplinas, organizou e ofereceu leituras públicas, escreveu em vários jornais,

² Sobre o lugar de OJS na imprensa feminina brasileira, ver “A Imprensa Feminina”, de Eliane Vasconcellos e Ivette Maria Savelli, *Juiz de Fora*. 2006, Zhidé Lupinacci Muzart, “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX” em *Revista Estudos Feministas*. vol. 11 no. 1. 2003 e Luiza Lobo, “Juana Manso: uma exilada em três pátrias” *Género*. Niterói, v.9, n. 2, p. 47-74, 2009.

³ Julyan G. Peard. “Enchanted Edens and Nation Making: Juana Manso, education, women and Trans-American Encounters in Nineteenth Century Argentina” em *Journal of Latin American Studies*. Vol. 40. Issue 03. 2008. P. 454.

compôs o primeiro manual escolar para o estudo da história argentina, traduziu textos e difundiu as doutrinas pedagógicas de Horace Mann, Giovanni Pestalozzi e Henry Barnard, além de editar, entre 1865 e 1877, o jornal pedagógico *Anales de la Educación Común* em que publicou textos pedagógicos, metodológicos e de atualidade educativa. Neste período, o pensamento de Manso foi transnacional e comparativo, pondo em contato o leitor rural das províncias com a cultura europeia (da França, da Inglaterra e da Itália), a sul-americana (do Chile, da Argentina e do Brasil) e a norte-americana (dos Estados de Washington, Massachusetts e Filadélfia). Nesse sentido, o pensamento maduro de Manso foi profundamente interamericano e modernizador: seu modelo, como o de Sarmiento, foi a cultura intelectual e pedagógica dos Estados Unidos, como resultado de suas leituras de Horace Mann, entre outros, e de sua correspondência com Mary Peabody Mann. Além disso, Manso afirmou a necessidade de uma pedagogia popular, de uma escola comum “custeada por todos para todos” (*Anales de la Educación Común*, 1867: 221). Trata-se de uma pedagogia que toma conta das crianças e das mulheres das camadas mais baixas da população, marginadas do sistema de ensino, assim como das massas populares, “desvalidas”. O propósito deste trabalho é analisar essa dupla articulação do pensamento de Juana Manso: seu cosmopolitismo modernizador e sua preocupação pela desigualdade social nos textos escritos durante seu exílio no Brasil, onde se abriu ao contato com a língua portuguesa e investigou os dilemas da cultura brasileira em seu processo de modernização: o estatuto das mulheres, a questão da cidadania e da raça, assim como a relação entre a condição periférica e o mundo cosmopolita.

I.

Juana Manso foi integrante da elite post-independentista argentina, a chamada “geração romântica” de 1837, e participou das polêmicas estéticas e políticas entre os intelectuais contrários ao governo de Juan Manuel de Rosas: teve diálogo com Esteban Echeverría, José Mármol e Domingo Faustino Sarmiento. Como eles, Manso tentou pensar, no contexto do exílio e da guerra civil, as condições de fundação de uma pátria que parecia perdida. Para tanto, ela valeu-se, por um lado, de um repertório ilustrado, com ênfase nos direitos individuais, na fé no progresso e na educação universal – em

diálogo com as gerações de intelectuais de 1810, da revolução de Maio e da independência no Rio da Prata. E, por outro lado, apropriou-se do ideário romântico: sua busca por uma identidade nacional e sul-americana e seu interesse no acesso das diferentes camadas sociais à cidadania. Nesse sentido, seu propósito foi duplo: consolidar o projeto civilizador cosmopolita na América do Sul e, ao mesmo tempo, abrir espaços que incorporassem aos novos cidadãos ao imaginário cívico, levando em conta as desigualdades sociais que os determinavam: desigualdades de gênero, de status social e de raça.

No entanto, como se vê no jornal brasileiro que cria e edita, assim como em seus textos em português e sobre temas inteiramente brasileiros, Juana Manso foi a única entre os exilados argentinos que conjugou as preocupações próprias das culturas intelectuais da Argentina e do Brasil: publicou seu primeiro romance em português e no Brasil, embora de temática marcadamente rio-platense, e seu segundo romance em espanhol e na Argentina, no qual reflete sobre questões predominantemente brasileiras. Tanto em seus escritos em português como em espanhol, Manso utilizou uma língua impura, profundamente contaminada das duas influências linguísticas; neste sentido, poder-se-ia dizer que ela habitou o espaço híbrido próprio do sujeito exiliado, entre duas culturas e duas identidades nacionais diferentes. Isso deve-se não só ao fato biográfico de ser, desde muito jovem, uma exiliada, mas também a sua luta permanente pelo status de cidadã que, como mulher e como Latino-americana, não lhe eram garantidos. Essa busca remeteu sempre, em seu pensamento, a um horizonte cultural cosmopolita, como modo de investigar possíveis soluções ao que ela percebeu como modos de exclusão decorrentes do atraso e da condição periférica.

No diário que escreveu durante sua viagem pelos Estados Unidos junto a seu marido, Manso expressa a consciência do status periférico em relação com um mundo crescentemente cosmopolita: “Quando chegamos aos Estados Unidos” afirma, recém chegada em Nova York, “éramos dois pobrezinhos aldeãos, dois selvagens incivis cheios de pundonor e vergonha”.⁴ Se, por um lado, é crítica ao que observa como “carácter frio e interesseiro” dos norte-americanos, que lhe pareceram ordinários,

⁴ Velazo y Arias. *Juana Paula Manso, vida y acción*. Buenos Aires: Porter Hermanos, 1937, p. 353. (A tradução é minha).

vulgares e frívolos, por outro, chama a atenção para o contraste entre a anarquia político-institucional do Rio da Prata e o progresso material dos Estados Unidos.⁵ Em uma crônica de viagem publicada após seu retorno, no *Jornal das Senhoras*, afirma:

Como estes países, que ainda não contam um século de existência política, puderam morigerar-se, instruir-se, e adiantar-se a este ponto, eu não sei!... Acostumada à luta imoral e sanguinolenta, à luta fratricida do meu país, admiro-me de quanto vejo! Pasma de um sentimento de emulação que faz crescer-me o desejo de ter um poder onnipotente, para levar estes melhoramentos todos para lá...onde empenhados em lutas mesquinhas, desperdiçam o tempo e se afastam cada vez mais da civilização! (*Jornal das Senhoras* N. 18. P. 138). (sic) (em português no original)

A admiração pelo desenvolvimento urbanístico, econômico e institucional dos Estados Unidos provoca nela um desejo de onnipotência, vontade irresistível de importar os avanços econômicos e culturais do que percebe como civilização para a periferia. Nessas crônicas, ela também descreve com admiração a condição avantajada da mulher norte-americana comparada à sul-americana, o caráter organizado, ordenado e autossustentado do sistema pedagógico, dos internatos e asilos para órfãos, dos cárceres que visita na Pensilvânia e na Filadélfia, onde observa a limpeza e o sucesso na reinserção social dos meninos⁶. As percepções dessa viagem de juventude de Juana, assim como suas leituras europeias e norte-americanas, se traduziriam em uma aguda consciência da relação problemática entre periferia e mundo cosmopolita, assim como em uma vontade poderosa de transformar as realidades sul-americanas em matéria de progresso econômico e político, assim como de inclusão social. A poderosa influência que a cultura norte-americana e a ilustração europeia exerceu em seu pensamento, em diálogo com Sarmiento, não se pode desligar de sua luta constante

⁵ Sobre as ambivalências de Manso em relação aos Estados Unidos, ver Julyan G. Peard. “Enchanted Edens and Nation Making: Juana Manso, education, women and Trans-American Encounters in Nineteenth Century Argentina” en *Journal of Latin American Studies*. Vol. 40. Issue 03. 2008.

⁶ O *Jornal das Senhoras*, número 14, inclui una crônica sobre um orfanato de meninos e meninas na Pensilvânia, onde Manso admira o caráter autossustentado da instituição, a limpeza dos meninos e a importância de sua reinserção social. O número 18, além disso, leva a descrição da penitenciária na Filadélfia, na qual admira a ordem, a limpeza, etc.

para remediar o descompasso entre a cultura sul-americana, que veia como “mesquinha”, sumida na “imoralidade”, que “desperdiça o tempo” em uma “luta fratricida”, e os ideais de progresso e direitos universais que pretendia emular da Europa e dos Estados Unidos.

Após seu retorno ao Rio de Janeiro, Manso fundou *O Jornal das Senhoras*, jornal redigido e dirigido na íntegra por mulheres, no qual se convidava as mulheres – nesse caso, as mulheres da Corte Imperial Carioca – a enviar suas contribuições e artigos.⁷ Em seus escritos no jornal, aparece um sujeito narrativo exiliado e entre línguas: Manso escrevia em português, mas em uma língua que poderíamos chamar de impura, com erros tipográficos e de impressão, e grande variabilidade na ortografia e no uso das palavras.⁸ Esse caráter impuro e híbrido de sua língua não pode-se considerar simples resultado de uma aprendizagem defeituosa, dado que também aparecerá em seus escritos em espanhol após sua volta a Buenos Aires. De fato, a língua impura de sua escrita no jornal também é consequência da fragilidade do meio jornalístico feminino do século XIX, que era majormente de vida curta e mal pago.⁹ *O Jornal das Senhoras* forma parte de uma cultura impressa que, como já estudou o crítico William Acree no caso das publicações periódicas do Rio da Prata, transformou a prática da leitura e escrita privadas em um modo de participação na esfera pública e de formação cívica.¹⁰

Com sua fé republicana e ilustrada no poder da letra, Manso concebeu *O Jornal das Senhoras* como uma conjunção entre o privado e o público, entre a cultura impressa e a escola, entre o nacional e o cosmopolita. O jornal modela comportamentos e valores orientados à formação de futuros cidadãos: das mulheres, das famílias e da população em geral. Já desde o primeiro número, no artigo de

⁷ *O Jornal* se iniciou em janeiro de 1852 e chegou até 1855, mas a participação de Manso como diretora e redatora foi desde janeiro até julho de 1852.

⁸ Sobre o português incorreto de Juana Manso no *Jornal das Senhoras*, ver os comentários de Eliane Vasconcellos e Ivette Maria Savelli (2006) e Luiza Lobo (2009).

⁹ Sobre o jornal de mulheres na época, ver Eliane Vasconcellos e Ivette Maria Savelli (2006), e Bonnie Frederick “In Their Own Voice: Women Writers of the Generación del 80 in Argentina” *Hispania*. Vol. 74., No. 2, 1991. Pp. 282-289.

¹⁰ William Acree, *Everyday Reading: Print Culture and Collective Identity in the Rio de la Plata 1780-1910*. Nashville: Vanderbilt Univ. Press, 2011.

apertura, Manso coloca o jornal num contexto cosmopolita e tenta legitimá-lo em relação ao ideal ilustrado, assim como em comparação com as publicações periódicas feitas por mulheres jornalistas na Europa e nos Estados Unidos. Afirma:

Por ventura a América do Sul, ela só ficará estacionaria nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da sociedade? Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do Império, Metrópole do sul d'América, acolherá de certo com satisfação e simpatia *O Jornal Das Senhoras* redigido por uma senhora mesmo: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o projeto de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forcas para o melhoramento e para a emancipação moral da mulher. Eis nos pois em campanha, o estandarte da ilustração ondula gracioso à brisa perfumada dos Trópicos: acolhei-vos a ele, todas as que possuis uma faísca de inteligência, vinde.” (*Jornal das Senhoras*. N. 1 P. 1) (sic. Em português no original.)

O argumento de Manso é astucioso: o jornal, como publicação escrita por e para mulheres, segundo ela, deveria ter uma excelente acolhida na sociedade carioca, que se queria uma das maiores cidades cosmopolitas e faro da América do Sul, “Corte e Capital do Império, Metrópole do sul d'América,” porque ele seria símbolo do progresso, do “aperfeiçoamento moral e material da sociedade”. O que fica implícito é que, se não fosse bem acolhido, seria um símbolo do oposto: do tradicionalismo da sociedade e do afastamento dos ideais cosmopolitas e liberais da emancipação feminina. Manso se define a si mesma como uma “senhora americana” que tem o propósito de lutar pela ilustração e pela emancipação da mulher. Na imagem do *Jornal* como “estandarte da ilustração” que “ondula gracioso à brisa perfumada dos Trópicos” atraindo o público leitor feminino, o periódico aparece como símbolo do desejo de pertencer ao mundo cosmopolita, progressista e ilustrado, mas também das dificuldades para conseguir esse ideal emancipatório, sobretudo no caso das mulheres. O jornal propõe a integração dos ideais ilustrados à cultura carioca, a conjunção do imaginário mundial e a identidade nacional, do público e o privado, e a inclusão dos novos sujeitos na esfera pública. Agora bem, o que parece ser um processo não

conflitivo ou problemático, revela-se cheio de dificuldades, incongruências e descompassos. Afirma Manso no mesmo artigo: “Ora pois, uma Senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será? Contudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Espanha, nos Estados Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundam de Senhoras dedicadas à literatura colaborando diferentes jornais.” (*Jornal das Senhoras*. N. 1 P. 1) (sic. Em português no original.) Como se vê, o argumento cosmopolita funciona como um apelo de legitimação e contribui para criar um linguagem dos direitos e da cidadania.

Já no primeiro número apareceu o romance histórico-didático *Los misterios del Plata* –com o título em espanhol – que foi publicado em formato de folhetim até julho de 1852. O texto, de conteúdo histórico, está situado no Rio da Prata durante o governo de Juan Manuel de Rosas. Narra a prisão de Valentín Alsina, líder unitário que pretendeu retornar à pátria desde o exílio, e sua libertação final graças à seus aliados e, sobretudo, graças à coragem de sua mulher. O texto foi reescrito várias vezes – a primeira em Niterói, entre 1849 e 1850 –; mas o que diferencia a versão do *Jornal* é sua adaptação ao público da imprensa jornalística e do folhetim, numa narrativa ágil e sem descrições excessivas, assim como o acomodamento ao público leitor brasileiro, nas explicações sobre os personagens argentinos da época e nos esclarecimentos sobre o contexto histórico do Rosismo, seus costumes e hábitos.¹¹ O romance tem uma evidente intenção político-ideológica, de formação de futuros cidadãos – tanto dos brasileiros como dos argentinos – nos ideais ilustrados. Devido ao destinatário duplo, – o público da Corte Imperial carioca e os exiliados do Rio da Prata –, essa versão do romance privilegia reflexões político-morais gerais, inscritas em uma perspectiva ilustrada e universal, com as quais busca comover ao leitor de um modo ético.¹²

O título, *Misterios del Plata*, é uma cita do romance de Eugène Sue, *Les Mystères de Paris* de 1842 e leva uma epígrafe da *História da França*, de Michelet, mas a autora declara a intenção de afastar-se dos modelos europeus para criar uma

¹¹ Ver a leitura de Margarita Pierini, “Historia, folletín e ideología en los *Misterios del Plata* de Juana Manso, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, T. 50, No. 2 (2002), pp. 457-488.

¹² Elvira Narvaja de Arnoux, “La representación del género y de los espacios de circulación del texto en las reescrituras de *Los Misterios del Plata* de Juana Manso” in *Análisis del discurso. Modos de abordar materiales de archivo*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2006. Pp. 95-131.

literatura própria: “se a nascente literatura da nossa América for sempre buscar seus tipos na velha Europa, nunca teremos literatura americana, nem literatura nacional” (*Jornal das senhoras*. N. 1. P. 7). Essa busca por uma literatura nacional, no entanto, se enfrenta ao grande “mistério” da cultura sul-americana de seu tempo, que é não só o domínio da barbárie – exemplificado pelo regime de Juan Manuel de Rosas – mas sobretudo o dilema da importação e adaptação dos ideais ilustrados às realidades sociais locais. Assim, a epígrafe de Michelet fala de uma luta “do homem contra a natureza, do espírito contra a matéria, da liberdade contra a fatalidade” (*Jornal das senhoras*. N. 1. P. 6). Como se vê, a ilustração cosmopolita é associada ao mundo espiritual, enquanto que a realidade local é pensada como “matéria”, “natureza” e “fatalidade”. Desde o ponto de vista de Manso – e da geração romântica de intelectuais exiliados – o Rosismo representaria esse dilema em termos dicotômicos: a luta da ilustração contra a tirania, da civilização contra a barbárie, da razão contra a brutalidade.¹³ Isso adquire particular urgência neste texto, diante do perigo da censura e da perseguição do autor: “Este mesmo risco corremos nós” afirma Manso, referindo-se à destruição dos periódicos contrários a Rosas “porém que fazer? É necessário resolvermo-nos a tudo” [sic] (*Jornal das senhoras*. N. 1. P. 7).¹⁴ Como se vê, Manso está marcada, como os outros românticos argentinos, por uma concepção da atividade intelectual como oposta ao poder ditatorial de Juan Manuel de Rosas.

Nesse primeiro número, Manso compara o “mistério”, a luta entre espírito e matéria mencionada na epígrafe, com o próprio estado do sujeito exiliado, entre o mundo cosmopolita e a pátria: “Contudo, como a última flor depositada pelo peregrino na porta do lar doméstico que vai abandonar, nós escrevemos este romance, nas agonias do amor pátrio que se extinguiu; e quando à força de sofrer, fomos arrastados ao cosmopolitismo indiferente” (sic) (*Jornal das senhoras*. N. 1. P. 7). A autora se debate entre o sofrimento pela pátria perdida – o “amor pátrio” “extinguido” pelas frustrações do exiliado – e a procura de um horizonte cosmopolita, cuja modernidade,

¹³ O exemplo paradigmático desse tipo de pensamento é, claro, *Facundo. Civilização e Barbárie*, publicado por Domingo Faustino Sarmiento em 1845.

¹⁴ Valeria a pena aclarar que *Misterios del Plata*, cuja primeira versão foi escrita entre 1846 e 1850, começou a ser publicado em janeiro, só um mês antes da derrota de Rosas na batalha de Caseros em fevereiro de 1852.

se bem atraente, não deixa de lhe parece indiferente e alheia. Como se vê, Manso se representa como sujeito duas vezes deslocado: excluído de uma pátria futura, que busca refundar, e exiliado de um mundo cosmopolita ao qual ainda também não pertence.

A busca da cidadania e da ordem nacional num momento de crise e exílio também está relacionada à importância do papel da mulher e do âmbito familiar no romance. Como já argumentou a crítica Francine Masiello em seu estudo sobre as mulheres letradas do século XIX argentino, a figura denominada da “maternidade republicana”, que representa a intervenção pública da mulher a partir de seu rol de mãe e esposa, aliada a uma estrutura familiar e doméstica, é central para a intervenção patriótica que pretende o romance *Misterios del Plata*.¹⁵ Masiello analisa a figura da heroína, esposa de Valentín Alsina e quem salva ao marido, como representação do papel central das mulheres para assegurar a ordem doméstica, familiar, matrimonial e pública. A própria Manso afirma, no primeiro número do romance: “A história dessa heroica Argentina é mais um facto que prova a necessidade da ilustração das mulheres; não só em proveito de si mesmas, quanto em proveito do homem, de quem são elas companheiras e segundo chefe da família” (sic) (*Jornal das senhoras*. N. 1. P. 7). Essa importância do papel da mulher, no entanto, forma parte de uma preocupação mais ampla do romance com a questão da cidadania e com a pertença a uma comunidade cívica. Uma das questões que as personagens discutem repetidas vezes é como definir o “estrangeiro”: É o unitário, oposto a Rosas e exiliado? Ou é o aliado de Rosas, bárbaro e violento? O debate em torno da definição do estrangeiro é central porque ajuda a entender o que o romance define como próprio, o que pertence à identidade nacional. Interessantemente, o texto não constrói uma definição da nacionalidade mas, pelo contrário, tenta sustentar um ideal humanista universal. Isso aparece em um episódio fundamental, quando o herói Valentín Alsina, sabendo que vai ser preso, se despede de seu filho pequeno:

Meu filho (...). A missão do homem sobre a terra é trabalhar para o bem-estar geral da humanidade; depois da humanidade, a pátria, depois da

¹⁵ Masiello, Francine. *Between Civilization and Barbarism. Women, Nation and Literary Culture in Modern Argentina*. Nebraska: Univ. of Nebraska Press, 1992.

pátria, a família: o –Eu- é o último nessa tarefa; contudo tu veras mais adiante que os homens pela maior parte invertendo a moral social, tratam primeiro de si, depois da família, a pátria a identificam com o próprio interesse, e a humanidade é apenas uma entidade contra quem se luta desapiadadamente; porque os meios de fazer fortuna todos são bons, e olhando para os fins, a perversidade dos auxiliares não é reparada. A pesar de assim veres os outros praticar, ama tu em cada homem um irmão e nunca desejes nem faças aos outros aquilo que não desejas nem queres para ti, as opiniões políticas ou religiosas dos outros homens, por serem diferentes da nossa, nunca devem servir-nos de subterfugio para fazermos mal [sic no original] (*Jornal das senhoras*. N. 11. P. 86-87).

Nesta cena paradigmática entre pai e filho, o texto explicita seu conteúdo ideológico: um republicanismo virtuoso e desinteressado, que privilegia o universal e coletivo por sobre o individual, e que constrói uma perspectiva ilustrada com a qual busca comover ao leitor. É interessante o fato de que não há denominadores de pertença nacional nesse discurso, senão político-morais gerais, o que responde ao propósito de comover tanto ao leitor do Rio da Prata como ao do Brasil. Ainda mais, tanto Valentín Alsina, seu filho e sua esposa, quanto os outros heróis do romance, os gauchos opostos a Rosas que colaboram para salvar Alsina, são todos sujeitos melancólicos, que se sentem exiliados da pátria pelo conflito político e pela guerra civil: “Não cuido da vida, respondeu o jovem com voz melancólica, em quanto a Pátria... não tenho, nunca tive domicílio” (sic) (*Jornal das Senhoras*. N. 14. P.111). Marcados pelo exílio e pela estrangeira, esses personagens, em sua nostalgia por uma pátria perdida, representam a busca da cidadania como questão central.

Por outro lado, tanto *O Jornal das Senhoras* quanto o romance *Misterios del Plata* funcionam como estratégias de posicionamento do intelectual em seu âmbito e contexto político-ideológicos. Assim, o número do 14 de março de 1852 do jornal é dedicado à Imperatriz, na ocasião de seu aniversário. A dedicatória é assinada por “sus súbditas dedicadas, as redatoras do Jornal das Senhoras” e inclui um hino, várias odes, um soneto e uma partitura composta em seu honor. No número seguinte, do 21 de março, Manso narra a visita que fez à Quinta de Boa Vista para entregar o número

em mãos à Imperatriz. No relato, Manso aparece como uma súbdita respeitosa, preocupada com o fato de ter quebrado o protocolo involuntariamente quando, devido a seu nervosismo, olha o rosto da Imperatriz diretamente. Além de render homenagem ao poder Imperial, nesse número Manso dirige uma carta ao então Ministro do Interior de Buenos Aires (e protagonista dos *Misterios del Plata*) Valentín Alsina – quem também recebeu o apoio de outros intelectuais contrários ao governo de Rosas e que chegaria a ser governador de Buenos Aires –, a qual lhe envia acompanhada da coleção completa do *Jornal das Senhoras*. Na carta, Manso explica que foi devido ao carácter histórico do romance que decidiu manter o nome verídico do líder político e de seus familiares, lhe declara seu apoio político e ideológico e lhe solicita ajuda para a publicação do romance em espanhol. Como se vê, Manso desenha uma rede de alianças e apostas políticas no *Jornal*, que cobrem tanto a corte imperial carioca como o pós-guerra civil na Argentina. Embora marcadas por sistemas de governo e filosofias políticas divergentes, essas estratégias respondem a uma mesma busca de formas de mecenato e de apoio tanto econômico como político para o trabalho intelectual.

A contribuição de Juana Manso no *Jornal* também incluiu artigos sobre a emancipação da mulher. Manso concebeu a intervenção cívica da mulher em um esforço explícito por não contradizer as normas de gênero, partindo da figura da “maternidade republicana”: seu papel como mãe e esposa, educadora dos futuros cidadãos.¹⁶ Desse modo, Manso prefigurou a importância que os compêndios escolares femininos e de economia doméstica teriam nos fins do século XIX e nas primeiras décadas do XX no Rio da Prata, num momento em que a mulher –estudante, mãe, educadora e administradora do lar – apareceria no eixo do processo de expansão

¹⁶ Para as leituras de Juana Manso em termos de gênero, ver Graciela Batticuore, *La mujer romántica. Lectoras, autores y escritores en la Argentina (1830-1870)*. Buenos Aires: Edhasa, 2005, Mizraje, Gabriela, *Argentinas de Rosas a Perón*. Buenos Aires: Biblos, 1999, Barrancos, Dora, *Mujeres en la sociedad argentina. Una historia de cinco siglos*. Buenos Aires: Sudamericana, 2007, Fletcher, L “Juana Manso: una voz en el desierto” In Fletcher. ed. *Mujeres y cultura en la Argentina del Siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Ed., 1994, Zucotti, Liliana, “Juana Manso. Entre la pose y la palabra” en *Mujeres Argentinas*. Buenos Aires: Suma de Letras, 2006, Southwell, Myriam, “Profiles of Educators. Juana Manso (1819-1875)” In *Prospects*, vol. XXXV, no. 1, 2005, Kathryn Lehman, “Entre Eros y polis. El engendramiento de la Madre Patria” In Fletcher. L. ed. *Mujeres y cultura en la Argentina del Siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Ed., 1994.

da cultura escrita, como motor da educação e mediadora entre o lar e a esfera pública da nação.¹⁷ No entanto, ao contrário dessas publicações, que celebram o âmbito doméstico e têm um tom sentimental e edulcorado, os artigos de Juana Manso são polêmicos e sarcásticos, em forma de fortes intervenções públicas. Assim, ela declara em um artigo do *Jornal* com o título de “Emancipação moral da Mulher”:

Nas classes pobres da sociedade é onde mais funesto resultado se colhe do embrutecimento da mulher. Todas as carreiras industriais estão lhe vedadas. E por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que há de mitigar sua fome. Repare-se que falho das nossas Américas: na Europa e nos Estados-Unidos, a mulher exerce quase todas as profissões que entre nós a preocupação lhe nega (...). Sem duvida, que há deveres naturais que prendem a mulher ao lar doméstico, porém é precisamente desde o seio de sua família que ela pode ter uma influencia direta, sobre essa mesma família, sobre a nação, sobre a humanidade inteira. Como? Pois a mulher pode ter outra influencia que não seja sobre as panelas? Outra missão além das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja? Deveras? (sic. Em português no original) (*Jornal das Senhoras*. N. 2. P. 14.)

O texto denuncia a condição da mulher pobre, duplamente marginada, excluída do âmbito público e sem acesso à cidadania, e critica o atraso da educação da mulher sul-americana em comparação com a europeia e a norte-americana. Como vemos na citação, sua demanda de modernização do papel da mulher, baseado na comparação com a profissionalização da mulher nos países centrais, é contraditória com sua intenção de respeitar as convenções de gênero, isso é, o espaço doméstico paradigmático da mulher, como mãe e esposa, a partir do qual deveria fazer uma contribuição pública. O tom fortemente sarcástico de sua crítica tem como objetivo reforçar sua acusação do “embrutecimento” da mulher e sua demanda de acesso dela às múltiplas esferas da sociedade moderna. Embora a circulação do *Jornal* se restringiu às mulheres da Corte Imperial Carioca, em muitos de seus artigos Manso

¹⁷ Ver o capítulo “Lessons for a Nation (1880-1910)” en William Acree (2011). Sobre o tema da educação da mulher no período, ver também María Loreto Engaña, Ivan Núñez Prieto y Cecilia Salinas Álvarez, *La educación primaria en Chile: (1860-1930). Una aventura de niñas y maestras*. Santiago: Lom Ed., 2003.

insistiu em sua reivindicação dos direitos das mulheres de todas as camadas sociais da população, e sobre tudo das mulheres pobres, cuja educação considerou requisito para o progresso social. Essa educação, segundo ela, devia ser prática e enciclopédica, e incluir não só canto, costura e piano, disciplinas mais tradicionais, como também noções de matemática, geografia, literatura e medicina. Manso argumentou que a educação profissional da mulher devia funcionar como termômetro do progresso social e da civilização, assim como das possibilidades das classes menos favorecidas.

II.

A continuação, gostaria de me referir aos escritos que, após seu retorno a Buenos Aires, a autora publica sobre o Brasil. Trata-se, em primeiro lugar, de um texto autobiográfico, com o título “Recuerdos del Brasil”, que revela a marca fundamental que a estada no Brasil teria deixado em Juana Manso – tanto no nível intelectual como biográfico. Manso, que conhecia aos poetas românticos brasileiros, cria uma linguagem romântica e de tonalidade lírica, que a crítica já comparou com Gonçalves de Magalhaes e com a canção do exílio de Gonçalves Dias, para descrever o extraordinário de sua experiência brasileira: “Hay algo en la vida del Brasil que no he hallado en parte alguna (...) no puedo explicar qué hay en Rio de Janeiro que me interesa y me gusta”.¹⁸ O texto também inclui um poema “Adiós, Rio de Janeiro” onde diz:

Adiós altivas montañas
Cielo del Trópico, adiós!
Mi estrella brilla del Plata
En la querida región,
Aquí llegué peregrina
Llena de ensueños el alma
Y de esperanzas sin nombre
Rebosando el corazón.
[...]

¹⁸ “Recuerdos del Brasil” en María Velasco y Arias. *Juana Paula Manso. Vida y acción*. Buenos Aires, Talleres Gráficos Porter, 1937. P. 370.

Adiós playas, adiós montes
Flores, pájaros y mares,
Cenizas dejo en la tierra
Mi vida, esparza en el aire!
Dejo páginas sin nombre
Di mi juventud pasada,
Un altar que derribaron.
Una tumba abandonada!
Amores despedazados,
Decepciones y recuerdos
Quién sabe cuánto fantasma,
Todo acaba, así es el mundo,
Me ausento, vuelvo a la patria,
Pero inolvidable imagen

Llevo gravada en el alma! (Velazco y Arias: 1937, 374-375)

E continua, na prosa: “Esa imagen inolvidable es la tuya, mi bello Rio de Janeiro, princesa de los valles! (...) No volveré a verte, pero he cantado tu belleza y dejádotte algo de mi misma como el solo recuerdo de mi peregrinación sobre tu suelo” (Velazco y Arias: 1937, 275). Nesta lembrança, o Brasil e, mais especificamente, o Rio de Janeiro, se apresenta como objeto de nostalgia e de prazer para o sujeito exiliado: um espaço idílico, de natureza atemporal e pitoresca e de experiências pessoais intensas, que se deve abandonar para retornar à pátria. Nesse texto, o sujeito poético é representado como um peregrino, sujeito itinerante, na fronteira entre o espaço do exílio e a identidade pátria.

Como já assinalei, o exílio é fundamental para entender o projeto intelectual e pedagógico de Juana Manso, que continuo ocupando posições polêmicas e controvertidas mesmo depois de ter conseguido um lugar central na vida pública e intelectual argentina.¹⁹ Pouco tempo após seu retorno em Buenos Aires, em 1854,

¹⁹ Ver, neste sentido, os artigos de Liliana Zucotti, “Juana Manso, entre la pose y la palabra” en *Mujeres Argentinas*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2006, y “Gorriti, Manso, de las veladas

Manso publica, em espanhol e no jornal *Álbum de Señoritas* o romance crítico da escravidão *La familia del Comendador*, em forma de folhetim. Vale a pena esclarecer que a questão da escravidão, que ali é fundamental, já tinha aparecido no seu texto autobiográfico “Recuerdo del Brasil”, em que narra um episódio que aconteceu em Niterói: uma escrava que ia ser separada de seu namorado por causa da epidemia de febre amarela, decidiu se jogar no mar. Manso encontrou o cadáver dela na praia, e decidiu sepultá-lo.²⁰ No ato de se jogar no mar, a escrava procurou a libertação de um sistema injusto, enquanto Manso, ao enterrá-la, tenta restituir-lhe a identidade, os direitos e a cidadania.

La familia del Comendador narra a história do Comendador Gabriel das Neves e sua família. O Comendador é representado como um sujeito ocioso, frívolo e afeminado, que abusa das escravas mas está desprovido de poder de decisão, dado que são as mulheres, sua mãe e sua esposa, sujeitos autoritários e masculinos, as que administram suas riquezas. Dona Maria e Dona Carolina estão a cargo da administração dos escravos, em sua maioria mulheres, aos quais sujeitam a castigos bestiais, indiscriminados e injustos. No romance a escravidão só é apresentada no âmbito doméstico – as escravas trabalham na casa ou são vendedoras de doces e biscoitos – mas nunca no espaço aberto da fazenda ou do engenho, como se as forças da desigualdade e da exploração não pudessem aparecer em contato com as paisagens idílicas e atemporais da natureza brasileira. As escravas são fieis, bondosas e trabalhadoras: quando educadas, são capazes de administrar os negócios do engenho melhor do que seus próprios amos e, quando bem tratadas, chegam a estabelecer com seus amos relações de amizade e lealdade incondicional.

Embora apresente cenas próprias da sociabilidade da Corte carioca, o foco do romance não é a vida pública senão o âmbito privado: a “família” do Comendador e seus contornos patriarcais aparece como chave para entender os dilemas da

literarias a las conferencias de Maestra” en Lea Fletcher (comp.) *Mujeres y cultura en la Argentina del Siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Ed, 2005.

²⁰ Escreve, como parte de suas lembranças de Niterói: “Cada paso en esta playa me trae un recuerdo... Allí hice enterrar el cuerpo de una infeliz esclava: debía partir para la ciudad, la separaban de un amante que idolatraba y se arrojó al mar terminando en una hora el romance de su amor y la desgracia de su esclavitud; el mar arrojó el cadáver a mis puertas y yo la hice sepultar. Este episodio me entristeció sobremanera” (Velazco y Arias, 1937: 372.)

sociedade brasileira escravista. As relações familiares e domésticas, desse modo, funcionam como alegorias da nação. Através das especulações de Dona Maria e Dona Carolina respeito aos casamentos dos filhos, orientadas à perpetuação da riqueza familiar, se revelam as injustiças da sociedade e a irracionalidade do sistema escravista.²¹ De fato, o romance estabelece um paralelo crítico entre a administração déspota dos escravos e dos filhos, ambos tratados como “bens” materiais, submetidos ao cálculo dos poderosos. Isso aparece na história de Don Juan das Neves, filho maior enviado a estudar na Europa que, morando na Inglaterra, dedica-se ao conhecimento das técnicas da produção e da exportação, e se enamora de uma jovem de família protestante, da qual aprende hábitos de sacrifício, resignação, trabalho e mesura. Quando é chamado a retornar ao Brasil para dirigir o negócio familiar, Don Juan pretende libertar aos escravos, introduzir avanços técnicos na produção e casar-se com sua namorada inglesa, mas sua mãe o impede, e azota seu filho com os mesmos instrumentos com que azotava aos escravos, o que termina por causar-lhe a loucura. Como se vê, o romance apresenta uma visão dicotômica da realidade social, típica dos romances argentinos daquele momento: opõe a civilização europeia à barbárie latino-americana, os avanços técnicos ingleses ao atraso local, e a integridade moral protestante à corrupção católica.²²

Mas é o personagem de Maurício que resulta ainda mais fundamental para pensar o sentido alegórico do romance, e a relação que estabelece entre o destino da família e o futuro nacional. Fruto do amor extramatrimonial de Don Juan das Neves com a escrava mulata Camila, Maurício, de caráter sensível e espiritual, é enviado a estudar medicina na França, mas sua condição de escravo, mulato e bastardo o rebaixam aos olhos da sociedade. Há uma ambivalência fundamental na visão do romance respeito à questão da raça: por um lado, Maurício é representado como sujeito com direitos equivalentes aos membros brancos da família “igual a qualquer outro homem, tão bom ou tão ruim, com a mesma inteligência, paixões e

²¹ Para os usos da alegoria da nação em relação com a questão da escravidão e da raça, mas não no romanticismo senão no romance naturalista, ver a análise de Antonio Candido, “De Cortiço a cortiço”. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

²² A própria Manso se converteria ao protestantismo alguns anos depois, em 1865.

sentimentos”²³ e, por outro, como alguém que precisa redimir-se através de seu branqueamento: “difícil era classificá-lo como mulato, porque nenhuma de suas características o traía, seus lábios não eram roxos senão vermelhos e finos, seu cabelo era preto e fino, não tinha pelo na cara; era moreno, mas tinha um reflexo de bronze dourado na sua pele fina e aveludada; seus dentes eram branquíssimos, e só suas mãos podiam revelar sua origem” (Manso, 2006: 102. Tradução minha).

Graças a uma mudança quase milagrosa operada em seu pai, que recupera a razão e se casa com sua mãe, e em sua avó que, antes de morrer, se arrepende de suas ações e o reconhece como neto, Maurício obtém o reconhecimento de seus direitos e é liberado da condição de escravo. Com sua herança, Maurício outorga aos escravos terras onde poderão residir e cultivar, vende os engenhos e reduz todo seu capital a dinheiro. Restituída sua fortuna, Maurício se enamora de sua prima Mariquita, filha do Comendador: a união da jovem branca e do mulato, além de “horrorizar mais de um (...) leitor”, choca aos familiares que, de qualquer modo, permitem a união devido a sua riqueza. Na cena final, Maurício e Mariquita, acompanhados do Comendador e sua esposa, partem de viagem para a Inglaterra: “É a moda hoje em dia viajar, e nem a bordo nem nas populosas capitais europeias vão perguntar a um estrangeiro: ¿quem é você? ¿você é branco ou preto? Nem se podem temer boatos; por isso abrigamos a esperança de que Mariquita tenha sido tão feliz como seus irmãos” (Manso, 2006: 162). Através deste final, o romance expressa a crença de que é a partir do horizonte cosmopolita, urbano e europeu, que as marcas do atraso latino-americano, com sua cultura escravocrata, suas desigualdades sociais e seus prejuízos raciais, poderão ser redimidas e reeducadas. É só após o reencontro europeu do Maurício com sua identidade mestiça que a união com Mariquita, a prima branca, poderá ser efetuada. No entanto, a frase “abrigamos a esperança” revela que o romance não pode assegurar o êxito do encontro da cultura europeia, com seus ideais iluministas de progresso, com a identidade mestiça do Brasil e sua herança escravocrata. Ao mesmo tempo em que afirma a possibilidade do branqueamento e da

²³ Manso, Juana. *La familia del Comendador y otros textos*. Buenos Aires: Colihue, 2006. P. 107. Tradução minha.

europização como modo de superar as problemáticas nacionais, a cena final do romance as põe em dúvida.